

SEMANA

33

4

# 1

## Dia

Lucas 10.21-24

### O Regozijo de Cristo

Este texto de Lucas trata de cinco assuntos. O primeiro se refere a único registro em que nosso Senhor se regozijou. Três vezes os evangelistas nos informam que Jesus chorou; apenas uma vez, que Ele se regozijou. E qual foi a causa do regozijo de nosso Senhor? Foi a conversão das almas, a aceitação do evangelho por parte daqueles que eram simples e pequeninos entre os judeus, quando os “*sábios e instruídos*” o estavam rejeitando em todos os lugares. Sem dúvida, nosso bendito Senhor viu neste mundo muitas coisas que o entristeceram. Ele contemplou a obstinada cegueira e ignorância da ampla maioria daqueles entre os quais Ele realizou seu ministério. Mas quando viu um pequeno grupo de homens e mulheres receberem as alegres boas novas de salvação, seu coração sentiu-se confortado; Ele viu isto e se regozijou.

Todos os crentes devem observar a conduta de nosso Senhor em referência a este assunto e seguir seu exemplo. Eles encontram poucas coisas neste mundo que lhes cause regozijo. Veem ao seu redor uma imensa multidão de pessoas que estão andando no caminho largo que conduz à perdição, à negligência, à dureza de coração e à incredulidade. Contemplam somente alguns, aqui e ali, que creem para a salvação de sua alma. Mas isto deve torná-los agradecidos e fazê-los louvar a Deus, porque alguns estão sendo convertidos e crendo. Não compreendemos totalmente a pecaminosidade do homem. Não meditamos sobre o fato de que a conversão de uma alma é um milagre - um milagre maior do que o de ressuscitar Lázaro dentre os mortos. Aprendamos de nosso bendito Senhor a sermos mais gratos a Deus. Se olharmos, perceberemos que sempre existe o céu azul, bem como nuvens escuras. Embora somente alguns poucos sejam salvos, devemos nos regozijar nisso. É somente por intermédio da graça e da misericórdia imerecida que alguns realmente são salvos.

O segundo assunto a ser observado trata da soberania de Deus em salvar pecadores. Nosso Senhor disse ao Pai: “*Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos*”. O significado destas palavras é simples e evidente. Existem pessoas para as quais Deus ocultou a salvação e outras, para as quais Ele a revelou. A verdade aqui ensinada é profunda e misteriosa. É tão elevada quanto o céu; como a poderemos compreender? É tão profunda quanto os oceanos da terra; como poderemos entendê-la? Não podemos explicar porque alguns permanecem mortos em seus pecados, enquanto outros são convertidos e salvos. Não podemos esclarecer porque em alguns países muitos se convertem, enquanto em outros as pessoas continuam sepultadas na idolatria. Apenas sabemos que as coisas são assim mesmo e podemos somente reconhecer que as palavras de nosso Senhor fornecem uma resposta que nenhum mortal poderia dar: “*Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado*”.

Porém, nunca esqueçamos que a soberania de Deus não anula a responsabilidade humana. O mesmo Deus que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade sempre lidará com os homens como seres responsáveis, cujo sangue cairá sobre suas próprias cabeças,

se não se converterem. Não podemos compreender toda a sua maneira de agir. Conhecemos e vemos em parte. Descansemos na convicção de que o Dia do Juízo esclarecerá todas as coisas e que o Juiz de toda terra não falhará em realizar aquilo que é correto. Enquanto isso, devemos lembrar que Deus oferece a salvação gratuita, completa, ampla e ilimitada e que *“em nosso viver temos de seguir a vontade de Deus expressamente revelada nas Escrituras”* (17º artigo da Igreja Anglicana). Se a verdade está ocultada para alguns e revelada para outros, podemos estar certos de que existe um motivo para isso.

Em terceiro, devemos observar o caráter daqueles para os quais a verdade está escondida e daqueles para os quais ela está revelada. Nosso Senhor disse: *“Ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos”*. Não podemos extrair destas palavras uma lição errada, inferindo que algumas pessoas são naturalmente mais dignas da graça e salvação divinas do que outras. Todos são pecadores e não merecem nada, exceto ira e condenação. Devemos entendê-las como palavras que estabelecem um fato. A sabedoria do mundo frequentemente torna as pessoas orgulhosas e aumenta sua inimizade natural contra o evangelho de Cristo. O homem que não se orgulha de seu conhecimento e de sua suposta moralidade geralmente é aquele que encontra menos dificuldades para chegar ao conhecimento da verdade. Os publicanos e pecadores frequentemente são os primeiros a entrar no reino de Deus, enquanto os escribas e fariseus ficam do lado de fora.

Destas palavras devemos aprender a nos acautelarmos da justiça própria. Nada fecha tanto os olhos de nossa alma para a beleza do evangelho quanto a ideia vã e ilusória de que não somos tão ignorantes e ímpios quanto outras pessoas e de que temos um caráter que suportará a inspeção divina. Feliz é o homem que aprendeu a sentir que é *“infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”* (Apocalipse 3.17). Reconhecer que somos maus é o primeiro passo em direção a nos tornarmos bons. Sentir que nada sabemos é o passo inicial para o conhecimento que salva.

Em quarto lugar, devemos observar nesta passagem a majestade e dignidade de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele disse: *“Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”*. Essas são palavras daquele que é o próprio Deus e não apenas um homem. Nenhum patriarca, ou profeta, ou apóstolo, ou crente de qualquer época proferiu palavras semelhantes a estas em referência a si mesmo. Elas nos revelam um pouco da infinita majestade da natureza e da pessoa de nosso Senhor. Tais palavras revelam-no como Cabeça de todas as coisas e Rei dos reis – *“Tudo me foi entregue por meu Pai”*. Mostram Jesus como alguém distinto do Pai, mas, apesar disso, alguém que se encontra em completa união com Ele, que o conhece de uma maneira indescritível – *“Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho”*. Mostram Jesus como o poderoso instrumento de revelação do Pai aos filhos dos homens, o Deus que perdoa as iniquidades e ama os pecadores por amor ao seu Filho – *“Ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”*.

Confiemos nossas almas inteiramente ao Senhor Jesus Cristo. Ele é poderoso para nos salvar. Embora nossos pecados sejam muitos, Cristo pode tomá-los para Si. Ainda que a obra de salvação seja bastante difícil, o Senhor Jesus pode realizá-la. Se Ele não era Deus e homem,

podemos ficar desesperados. Mas, se podemos ter um Salvador como Jesus, podemos iniciar a vida cristã com ousadia, prosseguir esperançosamente nossa jornada e aguardar a morte e o juízo sem temor. Nosso auxílio é Aquele que possui todo o poder (Salmo 89.19). Cristo está acima de todos, é o Deus bendito para sempre e não desapontará todos os que confiam nele.

Por último, devemos observar os privilégios especiais daqueles que ouvem o evangelho de Cristo. Nosso Senhor disse aos seus discípulos: *“Bem-aventurados os olhos que veem as coisas que vós vedes. Pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não o ouviram”*.

O completo significado destas palavras provavelmente jamais será assimilado pelos crentes, até ao último dia. Temos somente uma vaga ideia das enormes vantagens desfrutadas pelos crentes que viveram desde que Cristo veio ao mundo, se os compararmos com aqueles que existiram antes de sua vinda. A diferença entre o conhecimento de um santo do Antigo Testamento e o de um crente da época dos apóstolos é maior do que podemos imaginar. É semelhante à diferença que existe entre a luz do crepúsculo e a do meio-dia, entre o inverno e o verão, a mentalidade de uma criança e a de uma pessoa madura. Sem dúvida, os crentes do Antigo Testamento olhavam pela fé para um Salvador por vir e criam na ressurreição e na vida após a morte. Entretanto, a vida e a morte de Cristo desvendaram centenas de passagens das Escrituras que antes estavam ocultas e esclareceram muitos assuntos duvidosos para os quais alguém jamais havia encontrado resposta. Em resumo, o *“caminho do Santo Lugar”* ainda não se havia manifestado, *“enquanto o primeiro tabernáculo”* continuava erguido (Hebreus 9.8). O mais humilde crente em Cristo entende coisas que Davi e Isaías nunca poderiam explicar.

Ao fazermos as considerações sobre essa passagem, tenhamos um profundo senso de nossa dívida para com Deus e de nossa grande responsabilidade em relação à plena luz do evangelho de Cristo. Esforcemo-nos para utilizar bem os muitos privilégios que possuímos. Visto que temos um evangelho tão completo, devemos nos acautelar para não o negligenciarmos. É muito significativa a declaração de Jesus: *“Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão”* (Lucas 12.48).

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 2 Dia

Lucas 10.25-28

A Regra da Fé

O Resumo de Nossos Principais Deveres

---

Uma solene pergunta é feita a nosso Senhor. Certo homem, intérprete da lei, perguntou-lhe: *“Que farei para herdar a vida eterna?”*. O motivo desse homem, evidentemente, não era correto, pois apenas fez a pergunta para *“pôr Jesus à prova”* e levá-lo a dizer algo em que seus inimigos pudessem apanhá-lo, entretanto, a indagação feita por esse intérprete da lei foi inquestionavelmente muito importante.

Temos aqui perguntas que merecem a atenção de todas as pessoas - homens, mulheres e crianças. Todos somos pecadores e estamos destinados à morte e ao juízo vindouro. De que maneira nossos pecados serão perdoados? Com o que compareceremos diante de Deus? Como escaparemos da condenação do inferno? O que poderá me livrar da ira futura? Como eu posso ser salvo? Estas são indagações que pessoas de todas as classes sociais devem fazer a si mesmas e nunca sossegar até que obtenham a resposta correta.

Infelizmente, esta é uma pergunta com a qual poucos se importam. Milhares estão constantemente perguntando a si mesmos: *“O que comeremos? Com que nos vestiremos? Como podemos satisfazer a nós mesmos? Como podemos ganhar mais dinheiro? Como podemos prosperar neste mundo?”* Poucos, muito poucos, tomarão algum tempo para meditar a respeito da salvação de suas almas. Os homens odeiam este assunto, visto que os deixa intranquilos, por isso fogem do assunto e o descartam. Fiéis e verdadeiras são as palavras de nosso Senhor: *“Larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela”* (Mateus 7.13).

Jamais nos envergonhemos de perguntar a nós mesmos: *“Que farei para herdar a vida eterna?”*. Pelo contrário, devemos meditar a respeito deste assunto e nunca nos sentirmos satisfeitos, até que ele ocupe o primeiro lugar de nossos pensamentos. Procuremos ter o testemunho do Espírito em nossos corações, o testemunho de que realmente nos arrependemos, de que possuímos uma fé viva na misericórdia de Deus por meio de Cristo e de que verdadeiramente estamos andando com Deus. Esse é o caráter de todos os que estão andando com Deus e de todos os herdeiros da vida eterna. São estes os que receberão o reino que está preparado para os filhos de Deus.

Encontramos nestes versículos a sublime honra que nosso Senhor tributou à Bíblia. Imediatamente, Ele se referiu às Escrituras como a única regra de fé e prática. Em resposta a essa pergunta, o Senhor Jesus não disse: *“O que o judaísmo ensina a respeito da vida eterna? O que os escribas e fariseus pensam? O que ensina a tradição dos anciãos sobre este assunto?”* Jesus seguiu um caminho mais direto e simples. Ele reportou o seu indagador às Escrituras do Antigo Testamento: *“Que está escrito na Lei? Como interpretas?”*.

O princípio contido nestas palavras deve se tornar um dos fundamentos de nossa vida espiritual. A Bíblia, toda a Bíblia, nada mais do que ela, tem de ser nossa regra de fé e prática. Apegados a este princípio, prossigamos nossa viagem no caminho do Rei Jesus. Às vezes, o

caminho pode parecer estreito e nossa fé talvez seja dolorosamente provada, mas seremos guardados de grandes pecados. Se abandonarmos este princípio, entraremos no deserto intransitável. Ninguém poderá nos dizer a que ponto seremos levados, em que seremos capazes de crer e fazer. Sempre tenhamos este princípio em nossa mente. Sobre ele lancemos nossa âncora. Permaneçamos nele. Não importa o que alguém fale a respeito do cristianismo, quer seja um dos pais da antiguidade, um bispo, ou um teólogo erudito. Está escrito na Bíblia? Pode ser provado pelas Escrituras? Se não, temos de rejeitá-lo de nossa crença. Não devemos nos importar com a maneira eloquente, agradável e perspicaz como se apresentam os sermões ou livros religiosos. No aspecto mais insignificante, eles apresentam ensinamentos contrários à Bíblia? Se isto é verdade, tais sermões e livros são trapos, venenos e guias que não possuem qualquer valor. O que dizem as Escrituras? Esta é a única medida e padrão da verdadeira religião – *“À lei e ao testemunho!”*, declarou o profeta Isaías, *“se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva”* (Isaías 8.20).

Por último, notemos nestes versículos o nítido conhecimento dos judeus da época de nosso Senhor em referência aos deveres para com Deus e os homens. O intérprete da lei respondeu à pergunta de Jesus: *“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo”*. Ele falou corretamente. Uma descrição mais clara dos deveres diários e práticos não poderia ser dada por muitos crentes bem instruídos de nossos dias. Jamais nos esqueçamos disto.

As palavras do intérprete da lei são muito instrutivas em dois aspectos. Esclarecem dois assuntos sobre os quais existem abundantes erros. Por um lado, a resposta desse homem nos mostra quão grandes eram os privilégios de conhecimento espiritual que os judeus desfrutavam, se comparados aos gentios, na época do Antigo Testamento. Uma nação que tinha princípios de deveres semelhantes ao que estamos considerando estava incomparavelmente à frente dos gregos e dos romanos. Por outro lado, a resposta desse homem nos mostra que um homem pode ter um nítido conhecimento em seu intelecto, enquanto seu coração está cheio de impiedade. Eis um homem que falava sobre amar a Deus com todo o coração e a seu próximo como a si mesmo, ao mesmo tempo em que realmente tentava a Cristo, procurando causar-lhe injúria, e estava ansioso para justificar a si mesmo e se mostrar caridoso! Estejamos sempre alerta contra esse tipo de religiosidade. Um nítido conhecimento intelectual acompanhado por resoluta impenitência de coração é o mais perigoso estado da alma. *“Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes”* (João 13.17).

Nunca nos esqueçamos de examinar a nós mesmos e aplicar ao nosso próprio coração os elevados deveres nele contidos. Amamos a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento? Amamos o nosso próximo como a nós mesmos? Onde se encontra aquela pessoa que pode dizer com perfeita verdade: *“Sim, eu amo”*? Onde está aquele que não precisa colocar a mão sobre seus lábios, quando ouve estas perguntas? Na verdade, somos culpados no que se refere a este assunto. O melhor dos crentes, embora seja bastante piedoso, fica aquém dessa perfeição. Passagens como esta nos mostram a necessidade que temos do sangue e da justiça de Cristo. A Ele devemos recorrer se desejamos permanecer firmes, com ousadia, diante do tribunal de Deus. Devemos

encontrar nele a graça, para que o amor a Deus e aos homens se torne o princípio governante de nossas vidas. Temos de permanecer nele para que sempre recordemos este princípio e mostremos ao mundo que por ele desejamos viver.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 3

## Dia

### A Parábola do Bom Samaritano

Lucas 10.29-37

---

Estes versículos contêm a famosa parábola do bom samaritano. Para que a entendamos, precisamos recordar a ocasião em que foi proferida em resposta à pergunta de certo intérprete da lei: *“Quem é o meu próximo?”*. Nosso Senhor respondeu contando a história que acabamos de ler e concluiu a narrativa com um apelo à consciência daquele homem. Não podemos esquecer estas coisas. O objetivo da parábola é mostrar a natureza do verdadeiro amor fraternal. Perder de vista este objetivo e procurar alegorias profundas na parábola equivale a vulgarizar as Escrituras e privar nossa alma de valiosas lições.

Nesta parábola aprendemos quão raro e incomum é o verdadeiro amor fraternal. Esta é uma lição que se destaca com proeminência no relato que estamos considerando. Nosso Senhor falou a respeito de um viajante que caiu entre os ladrões, foi despojado de suas roupas, ferido e ficou quase morto na estrada. Em seguida, falou sobre um sacerdote e um levita que, um após o outro, passando pelo mesmo caminho e vendo o infeliz viajante machucado, não o ajudaram. Ambos eram homens que, apesar de seu ofício e sua confissão de religiosidade, deveriam ter se mostrado dispostos e espontâneos para fazer o bem àquele aflito. No entanto, um após o outro, foram egoístas e insensíveis para oferecer o menor auxílio. Sem dúvida, disseram para si mesmos que não conheciam aquele viajante, ou que ele havia caído em dificuldades por causa de conduta imprópria, ou que não tinham tempo para socorrê-lo, que tinham muitos negócios com os quais deveriam se preocupar e não poderiam se inquietar por causa de estranhos. O resultado foi que ambos, um após o outro, passaram *“de largo”*.

Aqui encontramos uma figura exata daquilo que está constantemente ocorrendo no mundo. O egoísmo é a principal característica de grande parte da humanidade. Ato de bondade que não custam mais do que uma insignificante contribuição ocasional são muito comuns. Mas a bondade sacrificial de coração, que não se preocupa com o custo envolvido em sua prática, é uma virtude bastante rara entre nós. Existem milhares de pessoas que estão em dificuldades e não conseguem achar um amigo ou alguém que os ajude. Existem muitos *“sacerdotes”* e *“levitas”* que os veem e passam *“de largo”*.

Acautelemo-nos de esperar muito dos homens. Se esperarmos, certamente seremos desapontados. Quanto mais vivermos, tanto mais claramente veremos que poucas pessoas se preocupam com os outros sem motivos interesseiros e que o amor altruísta, desinteressado e puro é tão raro quanto diamantes e rubis. Devemos ser imensamente gratos porque o Senhor Jesus não é semelhante aos homens. Sua bondade e amor são infalíveis. Ele nunca desaponta qualquer de seus amigos. Feliz é aquele que aprendeu a dizer: *“Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança”* (Salmo 62.5).

Ainda somos ensinados sobre quem são aqueles para os quais devemos mostrar bondade e aqueles a quem devemos amar como nosso próximo. Jesus nos conta que certo

samaritano foi a única pessoa que socorreu o viajante ferido. Este samaritano pertencia a um povo que não se dava com os judeus (João 4.9). Ele poderia ter se desculpado, afirmando que a estrada que descia de Jerusalém a Jericó se encontrava em território dos judeus e que casos de furto e espancamento deviam ser atendidos pelos judeus. Mas ele não fez qualquer coisa dessa natureza. Viu um homem desnudo e quase morto. Não fez perguntas, imediatamente se compadeceu do necessitado. Não levando em conta as dificuldades, logo o socorreu. E nosso Senhor nos ordena a proceder *“de igual modo”*.

Ora, estas palavras significam que o crente precisa estar disposto a manifestar bondade e amor a todos os que se acham em necessidade. Nossa bondade não pode se estender apenas aos nossos familiares, amigos e parentes. Temos de amar e ser bondosos com todas as pessoas, sempre que a ocasião o exigir. Devemos nos guardar de averiguar a vida passada daqueles que precisam de nossa ajuda. Eles se encontram realmente em dificuldades? Querem ser ajudados? Então, de acordo com o ensino desta parábola, devemos estar dispostos a prestar-lhes auxílio. Temos de considerar todo o mundo como nosso campo de trabalho e toda a raça humana como nosso próximo. Devemos ser amigos de todos os que estão oprimidos, são negligenciados, aflitos, doentes, estão presos, são pobres, órfãos, incrédulos, escravos, tolos, famintos ou estão às portas da morte. Nosso dever é mostrar-lhes uma amabilidade universal, mas, sem dúvida, com sabedoria, discrição e bom senso, jamais nos envergonhando de fazê-la. O incrédulo talvez zombe, considerando isso fanatismo e extravagância. No entanto, não devemos nos sentir perturbados por tal zombaria. Ser amável para todas as pessoas significa demonstrar que possuímos algo da mentalidade de Cristo.

Por último, aprendemos nesta parábola a maneira e a dimensão em que precisamos manifestar amor e bondade aos outros. Jesus nos conta que a compaixão do samaritano para com o viajante ferido não se limitou a sentimentos e impressões passivas. Ele teve bastante trabalho para socorrê-lo. Agiu na proporção em que sentiu a situação daquele homem, não poupou esforços ou dinheiro para ajudá-lo. Embora o viajante fosse um estranho para ele, chegou-se, *“atou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele”*. E isso não foi tudo; no dia seguinte, entregou dinheiro ao hospedeiro, dizendo: *“Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu te indenizarei quando voltar”*. E o Senhor Jesus diz a cada um de nós: *“Vai e procede tu de igual modo”*.

A lição nesta parte da parábola é clara e inconfundível. A bondade de um crente para com as outras pessoas não pode ser apenas de palavras e lábios, mas em atos e em verdade. Seu amor deve ser algo prático, um amor que envolve renúncia e sacrifício, tanto em dinheiro quanto em tempo e atividades árduas. Sua amabilidade deve ser vista não apenas em conversas e palavras, mas também em suas atitudes e realizações. Assim como outros que trabalham com empenho na tentativa de ganhar dinheiro, o crente não precisa imaginar que estará desperdiçando seu tempo ao trabalhar com esforço para fazer o bem àqueles que necessitam de ajuda. Não deve se envergonhar de labutar intensamente para minimizar a infelicidade deste mundo. Enquanto ele puder, precisa estar disposto a ouvir as infelicidades dos outros e ter uma mão pronta para socorrer aqueles que se encontram em aflição. Esse tipo de amor pode não ser compreendido pelo mundo. A gratidão que ele encontrará talvez seja

pequena e sem valor. Porém, demonstrar tal amor significa andar nos passos de Cristo e transformar em prática o ensino da parábola do bom samaritano.

Terminemos nossa meditação sobre esta passagem pensando com seriedade e examinando nosso próprio coração. Quão poucos crentes parecem recordar que esta parábola foi escrita. Quanta avareza, mesquinhez e suspeitas existem na igreja de Cristo, mesmo entre aqueles que confessam acreditar nas doutrinas fundamentais do cristianismo e participam da Ceia do Senhor. Raramente vemos um crente que é realmente sensível, generoso, liberal e afável para os outros, exceto para seus próprios filhos. No entanto, o Senhor Jesus proferiu a parábola do bom samaritano e deseja que a recordemos.

O que realmente somos? Não nos esqueçamos de perguntar a nós mesmos. O que estamos fazendo para comprovar que esta parábola é uma das regras de nossa conduta diária? O que estamos fazendo em benefício dos incrédulos, em nosso país e no exterior? O que estamos fazendo para ajudar aqueles que estão aflitos, em sua mente, ou em seu corpo e em suas circunstâncias? Existem muitas pessoas assim neste mundo. Há sempre alguns destes bem próximos à nossa porta. O que estamos fazendo por eles? Alguma coisa ou nada, em absoluto? Deus nos ajude a responder essas perguntas! O mundo seria mais feliz se houvesse mais cristianismo prático.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 4

## Dia

Lucas 10.38-42

### Jesus na Casa de Marta e Maria A Única Coisa Necessária; A Boa Prática Recomendada

---

A pequena história contida nestes versículos foi narrada somente no Evangelho de Lucas. Enquanto o mundo existir, a história de Marta e Maria fornecerá à igreja lições sábias que jamais devem ser esquecidas. Considerada em paralelo ao capítulo 11 do Evangelho de João, essa história nos outorga um esclarecimento bastante instrutivo sobre a vida íntima de uma família que Jesus amava.

Vemos neste texto que verdadeiros crentes podem ter temperamentos e características diferentes. As duas irmãs, sobre as quais lemos nessa passagem, eram fiéis seguidoras de Cristo. Havia se convertido, tornando-se crentes em Jesus. Honraram a Cristo, quando bem poucos o fizeram. Amavam a Jesus e eram amadas por Ele. Entretanto, essas duas mulheres possuíam mentalidade diferentes. Marta era enérgica, agitada, impulsiva, possuía sentimentos fortes e falava tudo que sentia. Maria era quieta, sossegada e meditativa, tinha sentimentos profundos, mas falava menos do que sentia. Marta, quando Jesus veio à sua casa, se regozijou ao vê-lo e se ocupou em preparar-lhe um agradável refrigerio.

Maria também se alegrou em vê-lo, mas seu primeiro pensamento foi o de se assentar aos pés dele e ouvir sua palavra. A graça reinava em ambos os corações, entretanto, cada uma delas manifestou os efeitos da graça em ocasiões e maneiras diferentes.

É muito proveitoso entender que não devemos esperar que todos os crentes em Cristo sejam exatamente iguais. Não podemos menosprezar os outros, considerando-os pessoas que não possuem a graça divina, porque a experiência deles não corresponde inteiramente à nossa. As ovelhas do rebanho do Senhor têm suas próprias peculiaridades.

As árvores do jardim do Senhor não são exatamente iguais. Todos os servos de Deus concordam nas doutrinas fundamentais do cristianismo; todos são guiados pelo mesmo Espírito; sentem seus pecados e confiam em Cristo; arrepende-se, creem e se tornam santos. No entanto, nos assuntos irrelevantes diferem amplamente. Nenhum deve desprezar o outro por causa disso. Até que Jesus volte, sempre haverá Martas e Marias em sua igreja.

Devemos atentar para o fato de que os cuidados pelas coisas deste mundo podem constituir uma armadilha para nossa alma, se lhes tributarmos excessiva atenção. É evidente do teor deste relato que Marta permitiu que sua ansiedade em oferecer uma agradável hospedagem para o Senhor tomasse conta dela. Seu excessivo zelo pelas coisas temporais fê-la esquecer o tempo para as coisas de sua alma. Marta *“agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços”*. Pouco a pouco, sua consciência sentiu-se aguçada, quando se viu sozinha, servindo as mesas, e sua irmã assentada aos pés de Jesus, ouvindo-lhe a palavra. Sob a pressão de uma consciência perturbada, o temperamento de Marta se tornou irritado e o velho Adão em seu íntimo rompeu em uma atrevida reclamação. Ela disse: *“Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me”*. Ao dizer estas coisas, esta mulher piedosa esqueceu o que ela mesma era e

a quem estava falando. Ela trouxe sobre si mesma uma solene repreensão e teve de aprender uma lição cujo efeito provavelmente foi duradouro. Infelizmente, *“uma fagulha põe em brasas (...) grande selva”* (Tg 3.5). O começo desta situação desagradável foi uma excessiva ansiedade pelos inocentes afazeres do lar.

O erro de Marta deve ser um aviso constante para todos os crentes. Se desejamos crescer na graça e desfrutar prosperidade em nossa alma, devemos ter cautela quanto aos cuidados com as coisas desse mundo. A menos que vigiemos e oremos, tais cuidados destruirão nossa espiritualidade, fazendo definhar nossa alma. O que leva os homens à ruína eterna não é apenas o pecado visível ou transgressões flagrantes dos mandamentos de Deus; com mais frequência, é uma intensa atenção a coisas que em si mesmas são lícitas e o ficar inquieto e ocupado em muitos serviços. Parece tão correto trabalharmos pelas coisas que necessitamos e bastante apropriado atendermos aos deveres de nossa própria casa. É nisto que se encontra o perigo. Nossa família, negócios, profissão, afazeres domésticos e relacionamentos na sociedade - tudo pode se tornar armadilha para nosso coração e nos afastar do Senhor. Podemos ir para o abismo do inferno em meio à realização de coisas lícitas.

Cuidemos de nós mesmos no que se refere a este assunto. Vigieemos com zelo nossos hábitos, para não cairmos em pecados inesperados. Se amamos a vida, temos de cuidar das coisas deste mundo sem nos apegarmos a elas e acautelarmo-nos de permitir que qualquer coisa ocupe o primeiro lugar em nosso coração, exceto Deus mesmo. Escrevamos mentalmente a palavra *“veneno”* em todas as coisas temporais que são boas. Utilizadas com sabedoria, são bênçãos pelas quais devemos ser gratos. Se permitirmos que inundem nossa mente e pisoteiem as coisas espirituais, elas podem se tornar verdadeira maldição. Prazeres e vantagens são adquiridos a preço de morte, se, para obtê-los, rejeitamos de nossos pensamentos as coisas eternas, reduzimos nossa leitura bíblica, ouvimos com negligência o evangelho e encurtamos nossas orações. Um pouco de terra lançada sobre o fogo que se encontra em nosso íntimo logo fará que este fogo seja sufocado.

Devemos observar a solene repreensão de nosso Senhor dirigida a Marta, sua serva. Como um médico sábio, Ele contemplou a enfermidade que estava afligindo o coração de Marta e imediatamente aplicou o remédio. Como um pai amável, Ele expôs o erro em que havia caído a sua filha e não poupou a disciplina exigida. *“Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa”*. Fiéis são as feridas causadas por um amigo! Essa pequena afirmativa de nosso Senhor realmente foi um precioso bálsamo. Continha um volume de teologia prática em poucas palavras.

*“Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa.”* Quão verdadeira é esta declaração! Quanto mais vivermos neste mundo, tanto mais verdadeira ela se mostrará. Quanto mais nos aproximarmos do sepulcro, tanto mais integralmente concordaremos com estas palavras. Saúde, prosperidade, dinheiro, bens, posição e honra são coisas boas em seus devidos lugares. Mas não podem ser chamadas de *“necessárias”*. Sem elas, milhões de pessoas são felizes neste mundo e alcançarão a glória do mundo por vir. *“Muitas coisas”* pelas quais os homens e mulheres estão constantemente lutando não são realmente necessárias. A graça que nos traz salvação é a única coisa *“necessária”*.

Esta pequena sentença deve resplandecer constantemente em nossa mente, sondando-nos quando estivermos propensos a murmurar diante das provações terrenas. Permitamos que ela nos fortaleça, quando formos tentados a negar nosso Mestre, por causa de perseguição; e que ela nos chame a atenção, quando começarmos a tributar excessiva importância às coisas deste mundo. Esta pequena sentença deve nos despertar, quando estivermos dispostos a olhar para trás, assim como a esposa de Ló. E, em todas as ocasiões, essas palavras de nosso Senhor devem soar em nossos ouvidos como uma trombeta e fazer-nos recordar: *“Pouco é necessário ou mesmo uma só coisa”*. Se Cristo é nosso, temos tudo em abundância.

Por último, devemos observar a sublime recomendação que nosso Senhor pronunciou em referência à escolha de Maria. Ele disse: *“Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”*. Havia um profundo significado nestas palavras e não foram pronunciadas tendo em vista apenas o benefício de Maria, mas, sim, o de todos os crentes em todas as partes do mundo. Foram proferidas para encorajar todos os verdadeiros crentes a serem pessoas resolutas e dedicadas, a seguirem a Cristo totalmente, a andarem em intimidade com Deus, a tornarem as coisas da alma sua primeira preocupação e a darem menos importância às coisas deste mundo.

A verdadeira porção do crente é a graça de Deus. Esta é a *“boa parte”* que ele escolheu e a única que, de fato, merece o nome de *“boa”*. É a única coisa boa que é consistente, satisfatória, verdadeira e duradoura. É boa tanto na enfermidade quanto na saúde, na juventude e na velhice, na adversidade e na prosperidade, na vida e na morte, no tempo e na eternidade. Não podemos imaginar nenhuma circunstância ou posição em que não é bom o homem possuir a graça de Deus.

Aquilo que o verdadeiro crente possui jamais lhe será tirado. Somente ele, dentre todos os homens, nunca será despojado de sua herança. Os reis e presidentes um dia deixarão suas posições. Os ricos deixarão seu dinheiro e bens. Eles os têm consigo somente enquanto vivem. No entanto, o mais pobre dos crentes na terra possui um tesouro que jamais lhe será tomado. A graça de Deus e o favor de Cristo são riquezas que nenhum homem pode arrebatá-lhe. Ele as levará consigo quando morrer; elas ressurgirão com ele na manhã da ressurreição e serão dele para sempre.

O que sabemos a respeito desta *“boa parte”* que Maria escolheu? Já a escolhemos para nós mesmos? Podemos falar com verdade que ela já nos pertence? Nunca descansemos até que possamos dizer isso. Escolhamos *“a vida”*, quando Cristo a oferece, sem dinheiro e sem preço. Procuremos ajuntar tesouros no céu, para que não despertemos e descubramos que somos pobres para toda a eternidade.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 5

## Dia

Lucas 11.1-4

### A Oração do Pai Nosso

---

Poucas passagens das Escrituras são tão conhecidas quanto esta. Qualquer católico romano pode nos dizer que existe uma oração chamada “Pai Nosso”. A mais simples criança de nosso país provavelmente já ouviu alguma coisa a respeito do “Pai Nosso”.

A importância desta oração se manifesta no simples fato de que nosso Senhor ensinou-a duas vezes com algumas variações. Aquele que nunca proferiu uma palavra sem um bom motivo achou conveniente nos ensinar esta oração em duas ocasiões distintas. Duas vezes o Senhor Deus escreveu os Dez Mandamentos em tábuas de pedra (Deuteronômio 9.10; 10.4); duas vezes o Senhor Jesus proferiu a oração do Pai Nosso.

A ocasião em que esta oração foi proferida pela segunda vez, relatada nessa passagem, é muitíssimo interessante. Um dos discípulos lhe pediu: “*Senhor, ensina-nos a orar*”. A resposta a esta petição foi a famosa oração que agora consideramos. Não sabemos quem era esse discípulo, mas o seu pedido será recordado enquanto o mundo existir. Felizes são aqueles que têm este mesmo sentimento e com frequência clamam: “*Senhor, ensina-me a orar*”.

O conteúdo da oração de nosso Senhor é um tesouro de lições espirituais. Expô-la completamente em uma obra como esta é algo impossível. A oração sobre a qual muitos livros já foram escritos não admite ser considerada adequadamente em apenas algumas páginas. No momento, basta-nos observar suas principais divisões e destacar os principais pensamentos que ela pode sugerir à nossa meditação pessoal.

A primeira divisão da oração do Pai Nosso se refere ao Deus a quem adoramos. Somos instruídos a nos aproximar dele como nosso Pai no céu - sem dúvida, Pai no sentido de nosso criador, mas, em especial, como o Pai que nos reconciliou consigo por meio de Jesus Cristo; o Pai que habita no céu e que nenhum santuário da terra pode conter. Em seguida, devemos mencionar três grandes coisas: o nome, o reino e a vontade de nosso Pai.

Somos instruídos a suplicar que o nome de Deus seja santificado: “*Santificado seja o teu nome*”. Ao pronunciar tais palavras não pretendemos dizer que o nome de Deus admite graus de santidade ou que qualquer de nossas orações pode torná-lo mais santo, mas declaramos nosso desejo íntimo de que o caráter, os atributos e as perfeições de Deus sejam mais conhecidos, honrados e glorificados por todas as suas criaturas inteligentes. Na verdade, esta foi a mesma petição que Jesus fez em outra ocasião: “*Pai, glorifica o teu nome*” (João 12.28).

Em seguida, somos instruídos a suplicar que venha o reino de Deus: “*Venha o teu reino*”. Com estas palavras, declaramos nosso desejo de que o poder de Satanás seja rapidamente aniquilado e toda a humanidade reconheça Deus como seu legítimo Rei e de que os reinos deste mundo se tornem realmente, conforme prometido, os reinos de nosso Deus e

de seu Cristo. O estabelecimento final desse reino foi predito desde a queda de Adão. Toda a criação geme aguardando esse reino. A última oração da Bíblia se refere ao estabelecimento desse reino. O cânon das Escrituras quase termina com estas palavras: *“Vem, Senhor Jesus”* (Apocalipse 11.15; Gênesis 3.15; Romanos 8.22; Apocalipse 22.20).

E ainda somos instruídos a suplicar que a vontade de Deus seja feita: *“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”*. Assim, expressamos nosso ardente desejo de que o número dos convertidos a Deus e do povo que lhe obedece seja grandemente aumentado, também de que os inimigos dele, que odeiam sua lei, sejam diminuídos e de que chegue rapidamente o tempo em que todos os homens servirão espontaneamente a Deus na terra, assim como todos os anjos nos céus (Habacuque 2.14; Hebreus 8.11).

Esta é a primeira divisão da oração de nosso Senhor. Felizes são os crentes que aprenderam que o nome de Deus é mais digno de honra do que o de qualquer autoridade deste mundo, que o reino de Deus é o único que permanecerá para sempre e que a lei de Deus é o padrão com o qual todas as leis devem se conformar. Quanto mais estas coisas forem entendidas e cridas na terra, tanto mais felizes serão as pessoas. Os dias em que todos reconhecerão estas coisas serão os dias do *“céu na terra”*.

A segunda divisão da oração de nosso Senhor se refere às nossas necessidades diárias. Somos instruídos a mencionar duas coisas que necessitamos todos os dias: uma é temporal, a outra, espiritual. Uma delas é o pão; a outra, o perdão dos pecados.

Somos instruídos a orar suplicando *“pão”* – *“o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia”*. No vocábulo *“pão”* certamente está incluído tudo que nossos corpos necessitam. Reconhecemos nossa completa dependência de Deus no que se refere à vida, ao pão e às demais coisas. Suplicamos-lhe que se encarregue de nós e providencie tudo que precisamos neste mundo. Esta súplica corresponde à de Salomão, em outras palavras: *“Dá-me o pão que me for necessário”* (Provérbios 30.8).

Em seguida, somos instruídos a orar suplicando perdão – *“Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve”*. Ao pronunciar tais palavras, confessamos que somos criaturas pecadoras, culpadas e corrompidas e que cometemos ofensas diárias em muitos aspectos. Não podemos apresentar qualquer desculpa para nós mesmos e nada podemos oferecer para nos justificar. Simplesmente rogamos a graciosa, completa e gratuita misericórdia de nosso Pai, em Cristo Jesus. E a esta petição adicionamos a única declaração contida em toda a oração do Pai Nosso – *“também nós perdoamos a todo o que nos deve”*.

Nunca podemos admirar com suficiência a simplicidade e riqueza da segunda divisão da oração do Pai Nosso. Quão rapidamente proferimos estas palavras. No entanto, quão profundo significado elas transmitem. O pão e a misericórdia diária são, acima de tudo, as principais coisas que os homens necessitam. Rico é aquele que as possui e sábio é aquele que não se envergonha de orar suplicando-as todos os dias. Sem dúvida, o filho de Deus está plenamente justificado diante de Deus e todas as coisas cooperam para o seu bem. No entanto, a verdadeira vida de fé consiste em rogar diariamente por novos suprimentos de todas as nossas necessidades. Embora todas as promessas sejam nossas, o Pai gosta que seus

filhos lembrem-se dele. Embora já tenhamos sido lavados, precisamos lavar a cada dia os nossos pés (João 13 .10).

A terceira divisão da oração do Pai Nosso se refere aos perigos diários. Somos instruídos a mencionar duas coisas que devemos temer a cada dia e com as quais temos de esperar que nos defrontaremos, enquanto estivermos no mundo. Uma delas é a tentação; a outro, o mal.

Jesus nos ensina a orar contra a tentação – *“E não nos deixes cair em tentação”*. Com essa expressão não estamos dizendo que Deus é o autor da tentação ou que Ele tenta o homem ao pecado (Tiago 1.13). Mas àquele que ordena todas as coisas terrenas e celestiais, sem o qual nada pode acontecer, suplicamos que disponha o curso de nossas vidas de tal modo que não sejamos tentados acima do que podemos suportar. Confessamos nossa fraqueza e prontidão para cair em pecado. Pedimos ao nosso Pai que nos preserve das provações e nos proporcione uma maneira de escapar. Rogamos que nossos pés sejam preservados e que nosso testemunho não caia em descrédito e arruíne nossa alma.

Por último, nosso Senhor nos ensina a orar contra o *“mal”* – *“Livra-nos do mal”*. Incluímos sob a palavra *“mal”* tudo que nos seja prejudicial, quer ao corpo, quer à alma e, em especial, todas as armadilhas do grande autor do mal, o diabo. Confessamos nesta parte da oração que *“o mundo inteiro jaz no Maligno”* (1 João 5.19). Confessamos que o mal está em nós, ao nosso redor, em cada parte e que não temos poder para nos livrar dele. Suplicamos fortalecimento àquele que nos pode fortalecer e nos refugiamos nele para ficarmos protegidos. Em resumo, pedimos aquilo que o próprio nosso Senhor rogou para nós, quando disse: *“Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”* (João 17.15).

Essa é a última divisão da oração do Pai Nosso. Em importância não é inferior às duas outras divisões, que já consideramos. Deixa o homem exatamente na posição em que ele deve estar, colocando em seus lábios uma linguagem de humildade. O mais perigoso estado em que podemos nos encontrar é o de não conhecer e sentir nosso perigo espiritual.

Agora devemos nos servir da oração do Pai Nosso para julgar nosso próprio estado diante de Deus. Suas palavras provavelmente já foram pronunciadas milhares de vezes por nossos lábios. Mas realmente as sentimos? Desejamos que estas súplicas nos sejam concedidas? Deus é realmente nosso Pai? Já nascemos de novo e nos tornamos filhos de Deus, mediante a fé em Cristo? Preocupamo-nos muito com o nome de Deus e sua vontade? Verdaderamente desejamos que o reino de Deus venha? Sentimos necessidade diária das misericórdias divinas e do perdão de nossos pecados? Tememos cair no pecado? Acima de tudo, odiamos o mal? Estas são perguntas sérias. Merecem atenciosa consideração.

Esforcemo-nos para fazer que a oração do Pai Nosso se torne nosso modelo e exemplo, em toda a nossa comunhão com Deus. Ela deve nos sugerir os assuntos pelos quais devemos orar, pedindo ou rejeitando. Essa oração deve nos ensinar o relativo lugar e proporção que devemos dar a cada assunto em nossas orações. Quanto mais meditamos e examinamos a oração do Pai Nosso, tanto mais instrutiva e sugestiva a acharemos.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 6

## Dia

Lucas 11.5-13

### O Amigo Inoportuno

Esta passagem contém ensinamentos que nos encorajam à oração e vemos uma preocupação do nosso Senhor em sempre nos instruir sobre esta importante prática cristã. A oração é o fundamento de nosso cristianismo prático e faz parte das atividades diárias de nossa vida espiritual. Devemos ser gratos a Deus, porque sobre nenhum outro assunto nosso Senhor Jesus Cristo falou com tanta clareza e frequência quanto à respeito da oração.

A prática da oração requer perseverança. Essa lição foi transmitida pelo Senhor por meio de uma parábola simples, comumente chamada de parábola do “Amigo Inoportuno”. A parábola nos recorda o que uma pessoa pode receber de outra por causa de importunação. Embora sejamos egoístas e indolentes, temos a capacidade de ser levados a fazer alguma coisa somente por alguém estar constantemente nos pedindo aquilo. O homem que não queria dar os três pães à meia-noite por amor àquela pessoa o fez para se livrar de continuar sendo incomodado. A aplicação da parábola é evidente. Se a importunação produz tão bons resultados, entre os homens, quanto mais devemos esperar que ela obtenha as misericórdias divinas, quando a utilizamos em nossas orações.

É mais fácil começar o hábito de orar do que preservá-lo. Milhares daqueles que professam ser crentes, frequentemente são ensinados a orar quando ainda são crianças, no entanto, pouco a pouco deixam essa prática, quando se tornam adultos. Muitos criam o hábito de orar por certo tempo, quando estão enfrentando algum problema ou aflição especial, porém, logo se tornam frios e, por fim, abandonam o hábito. O pensamento íntimo que assalta o coração dos incrédulos é este: “*Não há proveito na oração*”. Eles não percebem qualquer benefício visível e persuadem a si mesmos de que vivem muito bem sem a oração. A indolência e a incredulidade prevalecem sobre seu coração, e, por conseguinte, recusam “*a devoção a Ele devida*” (Jó 15.4).

Afastemos este tipo de pensamento sempre que surgir em nosso íntimo. Determinemos pela graça de Deus que, por mais simples e frágeis que sejam as nossas orações, continuaremos a orar. Não é em vão que a Bíblia nos instruiu, com frequência: “*Sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações*” (1 Pedro 4.7); “*Orai sem cessar*” (1 Tessalonicenses 5.17); “*Perseverai na oração*” (Colossenses 4.2; Romanos 12.12); “*Orar sempre e nunca esmorecer*” (Lucas 18.1). Todas estas passagens têm o mesmo propósito: recordar-nos um perigo e despertar-nos à realização de um dever. O tempo e a maneira como nossas orações serão respondidas é um assunto que precisamos entregar inteiramente a Deus. Mas não podemos ter dúvidas de que toda súplica que apresentamos com fé certamente será respondida. Apresentemos sempre nossos assuntos a Deus, todos os dias, semanas, meses e anos. A resposta pode demorar, como aconteceu a Ana e a Zacarias (1 Samuel 1.27; Lucas 1.13), mas, apesar disso, continuemos a orar e a esperar. No tempo certo, a resposta virá.

Em segundo, aprendemos desses versículos quão amplas e encorajadoras são as promessas que nosso Senhor vinculou à oração. As maravilhosas palavras que descrevem as promessas são muitíssimo familiares para nós: *“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á”*. E a declaração solene proferida logo em seguida parece que tinha o objetivo de nos oferecer dupla certeza: *“Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á”*. O perscrutador argumento que conclui a passagem deixa a incredulidade sem desculpa: *“Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem?”*.

Há poucas promessas tão amplas e irrestritas quanto as contidas nesses versículos. A última, em particular, merece consideração especial. O Espírito Santo é inquestionavelmente o maior dom que Deus outorga aos homens. Se temos esse dom, possuímos tudo: vida, luz, esperança e o céu. Se temos esse dom, possuímos o ilimitado amor de Deus, o Pai, o sangue da expiação do Filho de Deus e plena comunhão com todas as pessoas da bendita Trindade. Se temos esse dom, possuímos graça e paz no mundo presente e glória e honra, no porvir. Apesar disso, esse grandioso dom é apresentado por nosso Senhor Jesus Cristo como um dom a ser obtido por meio da oração. *“O Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem.”*

Há poucas passagens na Bíblia que deixam o incrédulo tão completamente destituído de suas desculpas habituais quanto estes versículos. Ele afirma que é fraco e desamparado, porém suplica a Deus que o torne forte? O incrédulo declara que é ímpio e corrupto, mas procura a Deus, para que o torne melhor? O incrédulo diz que não pode fazer nada por si mesmo, no entanto, ele bate à porta da misericórdia divina e ora suplicando o dom do Espírito Santo? Estas são perguntas para as quais muitos, devemos temer, não podem oferecer qualquer resposta. Continuam sendo o que são porque não têm desejo de ser transformados. Não têm porque não pedem. Não vêm a Cristo para terem vida; por conseguinte, permanecem mortos em delitos e pecados.

Agora, ao terminarmos nossa meditação sobre esta passagem, perguntemos a nós mesmos se sabemos algo a respeito da verdadeira oração? Oramos em alguma ocasião? Oramos em nome de Jesus, reconhecendo-nos pecadores necessitados? Sabemos o que significa *“pedir”*, *“buscar”*, *“bater”* e lutar em oração, à semelhança de homens que entendem-na como uma questão de vida ou morte e que precisam obter respostas às suas súplicas? Ou nos contentamos em repetir velhas fórmulas de oração, enquanto nossos pensamentos vagueiam e nossos corações se encontram distantes. Na verdade, teremos aprendido uma grande lição quando aprendermos que repetir orações não é o mesmo que orar.

Se realmente oramos, tenhamos como regra fundamental nunca abandonar o hábito de orar e diminuir nossas orações. O estado de um homem diante de Deus pode ser medido pelas suas orações. Sempre que nos sentirmos descuidados em relação à oração particular, podemos estar certos de que existe algo errado em nossa alma. Há vagalhões imensos à frente e corremos o iminente perigo de nos perdemos.

## **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

# 7

## Dia

Lucas 11.14-20

### O Demônio que era Mudo

### O Mal das Divisões

---

Nos versículos anteriores, nosso Senhor havia mostrado o poder e a importância da oração. No relato que acabamos de ler, Ele libertou um homem de um demônio que era mudo. Evidentemente, este milagre tinha o propósito de trazer nova luz sobre o assunto da oração. O Salvador que nos encoraja a orar é o mesmo que destrói o poder de Satanás sobre os membros de nosso corpo e restaura nossa língua à sua utilização apropriada.

Primeiramente, observemos nestes versículos as diversas maneiras por meio das quais Satanás demonstra seu desejo de prejudicar o homem. Lemos a respeito de um demônio mudo. Em algumas passagens, os evangelhos nos falam sobre “*espírito imundo*”, às vezes, sobre um demônio feroz e violento. Nestes versículos somos informados a respeito de um homem que se tornou mudo devido à influência do demônio que o possuía. Muitos são os artifícios de Satanás. É tolice supor que ele sempre age da mesma maneira. Há somente uma característica peculiar a todas as suas atividades: ele se deleita em prejudicar e fazer o mal.

Existe algo bastante instrutivo no caso desse homem. Imaginamos que, por causa da possessão física não ser logo nitidamente manifesta, nosso grande inimigo é menos ativo em fazer o mal do que costumava ser? Se pensamos assim, temos muito a aprender. Supomos que não existe tal coisa como a influência de um demônio mudo em nossos dias? Se pensamos assim, é melhor reconsiderarmos nossas ideias. O que podemos dizer a respeito daqueles que nunca conversam com Deus, que nunca utilizam sua língua para orar e louvar e jamais empregam esse órgão, que é a glória do homem, para cultuar Aquele que os criou? Em poucas palavras, o que podemos dizer sobre aqueles que conversam com todas as pessoas, exceto com Deus? Apenas que Satanás os despojou da verdadeira utilização de sua língua e que estão possuídos por um demônio mudo. O homem que não ora está morto, mesmo que esteja vivo. Seus membros são rebeldes contra Deus, que os criou. O “*demônio mudo*” ainda não foi extinto.

Vigiem e orem para que nunca estejamos sob a influência de um espírito mudo. Graças sejam dadas a Deus, porque continua vivo o mesmo Jesus que pode fazer os surdos ouvirem e os mudos falarem, a Ele recorramos em busca de ajuda, permaneçamos nele. Evitar a devassidão e se manter limpo de pecados graves, bem como ser moralista, correto e respeitável não é o suficiente. Tudo isto é apenas defesa negativa, nada mais. Existe alguma coisa positiva em nosso cristianismo? Oferecemos nossos membros a Deus, como instrumentos de justiça? (Romanos 6.13.) Com nossos olhos, podemos ver o reino de Deus? Com os ouvidos, estamos ouvindo a voz de Cristo? Utilizamos nossa língua para o louvor a Deus? Estas são perguntas sérias. O número daqueles que são mudos e surdos diante de Deus é maior do que muitos imaginam.

Em segundo, observemos nestes versículos o admirável poder do mal sobre os corações dos não convertidos. Quando nosso Senhor expeliu o espírito mudo, houve alguns

que afirmaram: *“Ora, ele expelle os demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios”*. Eles não podiam negar a ocorrência do milagre; então, recusaram-se a admitir que fora realizado pelo poder de Deus. A obra que ocorrera diante de seus olhos era evidente e inquestionável. Por isso, esforçaram-se para desacreditar o caráter daquele que a realizara e para manchar sua reputação, dizendo que Ele estava em acordo com Satanás.

A mentalidade descrita nestas palavras é uma doença terrível e, infelizmente, muito comum. Nunca faltam pessoas que estão dispostas a não perceber qualquer bondade nos servos de Cristo e a acreditar em todas as maldades comentadas a respeito deles. Este tipo de pessoa parece jogar fora seu bom senso. Recusam ouvir as evidências e prestar atenção aos argumentos evidentes. Parecem estar determinados a acreditar que todas as coisas feitas pelo crente são erradas e tudo que ele diz é falso. Se este faz o que é certo em alguma ocasião, deve ser por motivos corruptos; se fala a verdade, deve ser por ideias sinistras; se faz boas obras, deve ser por razões interesseiras; se expelle demônios, ele o faz pelo poder de Belzebu. Tais homens preconceituosos podem ser encontrados em muitas igrejas. Essas pessoas são a mais dolorosa provação para os ministros de Cristo. Não admiremos que o apóstolo Paulo disse: *“Orai por nós (...) para que sejamos livres dos homens perversos e maus”* (2 Tessalonicenses 3.1-2).

Esforcemo-nos para ter um espírito honesto, sincero e justo em nosso juízo dos crentes e das coisas relacionadas ao cristianismo. Estejamos dispostos a abandonar velhas e queridas opiniões no exato momento em que alguém nos mostrar *“um caminho sobremodo excelente”* (1 Coríntios 12.31). Um coração *“bom e reto”* é um grande tesouro (Levítico 8.15). Um espírito preconceituoso é a própria icterícia da alma. Afeta a percepção mental de uma pessoa, fazendo-a ver todas as coisas em uma cor anormal. Devemos sempre orar para sermos livres desse espírito.

Por último, observemos nestes versículos o grande mal das divisões. Esta é uma verdade com a qual nosso Senhor nos impressiona na resposta que deu aos seus inimigos preconceituosos. Mostrou-lhes a tolice da acusação de que Ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu. Citou um provérbio popular, ao dizer: *“Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e casa sobre casa cairá”*. Ele inferiu o absurdo da ideia de que Satanás poderia expulsar Satanás ou de que o diabo expeliria seus próprios agentes. Ao fazer isso, nosso Senhor ensinou aos crentes uma lição que eles têm sido tardios em aprender, durante toda a história da Igreja. Esta lição é o pecado e a tolice de divisões desnecessárias.

As divisões na igreja sempre existirão, enquanto prevalecerem falsas doutrinas e as pessoas a estas se apegarem. Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas? Como poderão dois andarem juntos, se não houver entre eles acordo? Que unidade pode haver onde não existe a unidade do Espírito? Divisão e afastamento daqueles que concordam com falsas doutrinas é um dever e não um pecado.

Mas existem diversos tipos de divisão que precisam ser profundamente detestadas - por exemplo, divisões entre homens que concordam nos assuntos fundamentais, divisões referentes a questões não essenciais à salvação, divisões relacionadas a formalidades, cerimônias e procedimentos na igreja a respeito dos quais as Escrituras silenciam.

Divisões dessa natureza têm de ser evitadas e desencorajadas por todos os crentes fiéis. A sua existência é uma prova melancólica do estado pecaminoso do homem e da corrupção de seu entendimento, bem como de sua vontade. Trazem escândalo ao cristianismo e enfraquecem a igreja. *“Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto.”*

Quais são os melhores remédios contra a divisão desnecessária? Um espírito de humildade, uma disposição para fazer concessões e uma esclarecida harmonia com as Escrituras. Em nossa vida espiritual, temos de aprender a fazer distinção entre as coisas essenciais e as não essenciais, as coisas necessárias e as desnecessárias à salvação, as coisas prioritárias e as secundárias em importância. Em referência ao primeiro grupo, devemos ser firmes e inflexíveis, como o carvalho: *“Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”* (Gálatas 1.8). Quanto ao segundo, podemos ser complacentes e maleáveis, como o salgueiro: *“Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”* (1 Coríntios 9.22). Estabelecer essas excelentes distinções exige uma sabedoria prática acima do normal. Mas pode ser adquirida por meio da oração: *“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus”* (Tiago 1.5). Quando os crentes perpetuam divisões desnecessárias, mostram-se mais tolos do que o próprio Satanás.

### **Aplicação**

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?